

# UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO DE UM TEXTO EM LÍNGUA DE SINAIS ESCRITA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS.

Aline Miguel da Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Tiago Coimbra Nogueira  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

## Resumo

Este trabalho relata um estudo realizado com grupo de tradutores/intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) discentes, no pólo de Florianópolis, do curso de Bacharelado em Letras-LIBRAS a distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o qual ocorre simultaneamente em outros 14 pólos. Curso oferecido em cumprimento ao Decreto nº 5.626 de 2005 que regulamenta a Lei nº. 10.436/02, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação e expressão. O objetivo foi verificar a experiência e as estratégias utilizadas no processo de tradução vivenciado pelos bacharelados, em uma atividade específica realizada na disciplina de Escrita de Sinais III, cursada pelos mesmos, no primeiro semestre de 2010. Na referida atividade tinham como objetivo realizar a tradução de uma narração em Escrita de Sinais, para a Língua Portuguesa. Optou-se por se utilizar uma pesquisa de cunho qualitativo baseada em entrevistas semi-estruturadas e na atividade realizada pelos entrevistados, que também serviu como material de análise. Cabe ressaltar que essa pesquisa é pioneira, por relatar o processo de tradução de um texto escrito em Língua de Sinais para a escrita de uma língua oral, no caso, a Língua Portuguesa. As traduções realizadas até então trazem como resultado o processo inverso de tradução, ou seja, da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais. Prática essa que tem sido comum em livros de histórias infantis e alguns resumos de dissertações. O fortalecimento e o crescimento do uso da escrita de sinais fazem com que a comunidade surda a utilize mais comumente surgindo, conseqüentemente, a necessidade de se refletir sobre o processo tradutório. Essas questões conduzem a algumas reflexões, sendo uma delas, o fato de que a Língua de Sinais deixa de ser considerada uma língua ágrafa, reconhecendo-se também sua forma escrita, que se torna assim, mais uma ferramenta para a comunicação e divulgação da cultura surda, possibilitando que as características dessa cultura possam ser registradas da mesma forma que as suas peculiaridades linguísticas, de um dado local e uma dada época, podem ser conservadas por muito tempo. No decorrer do trabalho, realiza-se um diálogo com pesquisadores tais como Stumpf (2008) e Quadros (2004) que estudam e defendem a Escrita de Sinais (*Signwriting*) como sistema de representação gráfica da LIBRAS e com autores como Magalhães (2006) e Furlan (2006) que refletem sobre o processo tradutório e seus desdobramentos. Pelas entrevistas foi possível verificar algumas considerações tais como a insegurança dos bacharelados em relação ao ato de traduzir da Língua de Sinais escrita para a Língua Portuguesa, a falta de contato com a prática tradutória no cotidiano desses sujeitos e a questão da padronização, presente na escrita das línguas orais, mas ainda ausente na escrita das Línguas de Sinais, certas semelhanças nas estratégias utilizadas pelos tradutores entre outras reflexões.

## O começo

Desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o apoio do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação a Distância e a Secretaria de Educação Especial, o primeiro curso de Bacharelado em Letras-LIBRAS, foi inaugurado no segundo semestre de 2008, simultaneamente em mais quatorze polos que possuem instituições conveniadas. Cada instituição ofereceu trinta vagas para alunos bacharéis, totalizando quatrocentos e cinquenta alunos que fazem parte do curso na modalidade a distância.

O curso de Bacharelado em Letras-LIBRAS objetiva formar bacharéis intérpretes em Língua de Sinais devido à necessidade emergente de formação nessa área. A expansão da Língua de Sinais, com o apoio da legislação vigente, e a participação efetiva do sujeito surdo nos mais variados âmbitos sociais torna importante que se reflita sobre a formação e a participação do intérprete nessas áreas.

Da mesma maneira, também têm crescido as pesquisas na área da escrita de sinais. O sistema *SignWriting* foi desenvolvido por Valerie Sutton em 1974. Esse sistema tem sido estudado como forma gráfica de escrita da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma das vantagens desse sistema é o fato de que esse tipo de registro pode ser utilizado em qualquer língua de sinais do mundo. Antes de ser adaptado para o *SignWriting*, o sistema, a princípio, foi criado para registrar passos de dança e logo despertou o interesse de pesquisadores de língua de sinais, por possibilitar a representação gráfica de movimentos corporais e espaciais (STUMPF, 2008).

De acordo com as pesquisas e o conseqüente desenvolvimento do sistema, foi possível traduzir a primeira história para o *SignWriting*, em 1977, intitulada “*Goldilocks and the three bears*” (QUADROS, 2004, disponível em <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>). Desde os anos setenta outras histórias foram traduzidas. Como exemplo, pode-se citar as histórias A Branca de Neve, A Bela Adormecida e Cinderela, traduzidas para a Língua Americana de Sinais e Uma Menina Chamada Kauana traduzida para a LIBRAS (Disponível em [www.signwriting.org](http://www.signwriting.org)). Tem-se conhecimento de dissertações de Mestrado como a de Flaviane Reis, que apresenta o resumo escrito em língua portuguesa e em escrita de sinais. Pode-se citar outras pesquisas já desenvolvidas sobre o tema na área do Mestrado, como Analisando o processo de leitura de uma possível escrita de Língua Brasileira de Sinais: *SignWriting*, por Fábio Irineu da Silva, em 2009, pela UFSC; Uso de fóruns para o estudo da escrita da língua de sinais, por Gerarda Neiva Cardins Gomes, em 2009, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Construção de

leitura/escrita em língua de sinais de crianças surdas em ambientes digitais, por Creice Barth, em 2008, pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Sabe-se também de pesquisas, ainda na área do Mestrado, que estão em andamento na UFSC, como a de Rundesth Saboia Nobre, com o tema Escrita de língua de sinais no processo como iconicidade para LIBRAS, com início em 2009.

Levando em conta a significância da escrita de sinais, o curso de Bacharelado em Letras-LIBRAS oferece disciplinas de Escrita de Sinais, níveis I, II e III, nos segundo, terceiro e quarto períodos respectivamente, e um estágio em tradução de Escrita da Língua de Sinais e Língua Portuguesa no oitavo período.

### **Escolhas metodológicas**

A fim de investigar a experiência dos estudantes de Bacharelado do Curso Letras-LIBRAS, de 2008, do polo da UFSC, em relação a uma determinada atividade realizada na disciplina de Escrita da Língua de Sinais III, optou-se por se utilizar uma pesquisa de cunho qualitativo baseada em entrevistas semi-estruturadas. A atividade em questão consistia na leitura e tradução para a Língua Portuguesa de um pequeno texto escrito em Língua de Sinais Brasileira. Cinco, dos atuais vinte e cinco alunos da referida turma, foram escolhidos aleatoriamente para a pesquisa, sendo que o universo total da população ofereceria uma quantidade de informações que não seria possível de se abranger na presente pesquisa. Cabe ressaltar que todos os nomes foram substituídos pelas denominações I1 (Intérprete 1), I2 (Intérprete 2), I3 (Intérprete 3), I4 (Intérprete 4) e I5 (Intérprete 5) a fim de que fossem mantidas em sigilo as identidades dos entrevistados.

Optou-se pelo estudo qualitativo já que ele se realizaria “em uma situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18 apud MACHADO, 2008, p. 28). A escolha por entrevistas semi-estruturadas deu-se com o objetivo de proporcionar liberdade aos entrevistados de expor opiniões e sentimentos que tenham sido bordados em alguma questão anterior ou não. A entrevista oportuniza certa interação entre entrevistado e pesquisador, mesmo que haja um roteiro pré-elaborado por esse último, oferecendo momentos em que as informações fluem de “maneira notável e autêntica” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33 apud MEKSENAS, 2002, p. 132).

### **Importantes achados no processo**

A fim de cumprir os objetivos deste estudo, ou seja, de conhecer alguns aspectos do processo tradutório de alguns tradutores/intérpretes em formação, em uma circunstância específica, algumas questões foram feitas aos alunos abordados. Os mesmos foram questionados quanto às estratégias de tradução utilizadas para realizar a atividade proposta na disciplina de Escrita de Sinais III; à quantidade de vezes que leram o material, se eles haviam lido o texto proposto pela atividade uma ou mais vezes; à utilização de algum recurso, como dicionários e *sites* de busca, como auxílio no processo de tradução; às impressões que ficaram durante o processo tradutório realizado e quanto ao resultado final; e à crença na escrita da língua de sinais e na sua tradução, se esta última se configura em um processo válido em termos linguísticos e tradutórios.

Quanto às estratégias de tradução, pode-se perceber que todos os estudantes abordados afirmaram ter utilizado estratégias semelhantes. I1 nos diz que, como o texto estava muito difícil, a estratégia utilizada foi:

A princípio eu tentei palavra por palavra, porque é o básico a gente sempre faz isso. Depois eu tentei achar um contexto que houvesse uma tradução, porque toda tradução/interpretação exige um contexto. Só que eu não consegui encontrar esse contexto.

I4 declara ter utilizado uma estratégia similar:

Na verdade eu li, procurei identificar sinal por sinal que foi desenhado, as configurações, depois que eu me familiarizei com cada sinal. [...], eu sempre ia e voltava para ver se eu estava entendendo a sequência do texto.

Devido à preocupação com a qualidade da tradução, os alunos utilizaram alguns recursos de apoio. Esses recursos se dividem entre o recurso material e o humano:

Eu utilizei um dicionário, que tinha sido dado no começo da disciplina, e um outro recurso humano que eu utilizei foi o próprio surdo porque eu pensei que talvez ele tivesse mais apropriado da língua e aí ele poderia me auxiliar. (I1)

Da mesma forma, I5 também utilizou como uma das suas estratégias, além do recurso material, no caso, um *site* de busca, o auxílio de uma pessoa surda:

Eu utilizei o auxílio de um surdo para reforçar minha compreensão sobre o texto escrito. Em um segundo momento, eu utilizei como auxílio o *site* do *Google* para me certificar de alguns termos específicos relacionados ao texto, como por exemplo, a termo “sibilava” que diz respeito ao ronronar do gato. (I5)

Mesmo sem terem tido contato durante o processo, os participantes da pesquisa utilizaram estratégias semelhantes como o recurso de contar com um sujeito surdo para reforçar a compreensão do texto. Os demais utilizaram dicionários e outras fontes:

A princípio eu utilizei o Capovilla<sup>1</sup> e depois eu sentei junto com uma colega de trabalho para a gente ver o que uma achava, o que a outra achava, e a gente foi mediando para fazer a tradução. (I2)

Então, a disciplina ofereceu um *site* que tinham vários outros textos, eu só consegui entrar em um *site*. Eu acho que aquilo ali me influenciou, mas não para fazer aquela atividade em si, mas eu acabei aprendendo algumas coisas naqueles textos que eu pude consultar naquele *site*, mas no momento de traduzir aquela atividade eu não usei nada além da apostila. (I4)

Visto que a maioria dos abordados declarou utilizar algum tipo de auxílio, pode-se concluir a importância dos materiais de apoio e como esses materiais precisam ser bem preparados para oferecer uma fundamentação e amparo necessários ao bom desempenho de um profissional no processo tradutório, assim como os têm os profissionais tradutores das línguas orais.

Todos os acadêmicos que realizaram a tradução do texto confessaram terem sentido dificuldades na realização da atividade apesar de todos terem lido mais de uma vez o material proposto. Os motivos que aparentemente causaram estranheza aos acadêmicos foram elementos compreendidos como classificadores na língua de sinais e a falta de padronização na maneira de sinalizar, o que traz conseqüentemente, a falta de padronização no momento de produzir um texto escrito.

Eu sempre me perdia num meio termo porque chegava naquele momento dos classificadores, que eu não conseguia reproduzir, então no final acabava se perdendo o fio. (I1)

Bem, como o texto ele tinha a questão de classificador, de movimento, então isso complicou um pouco, porque eu faço um classificador de um jeito e a pessoa, a outra pessoa que escreveu pode fazer, utilizar o classificador de outra maneira. Então, tinham momentos que alguns movimentos eu não compreendia e aí que teve a discussão com minha colega pensando “ah, esse movimento pode ser do que?”, “ah, estamos falando de um gato, então um gato ele pode fazer que tipo de movimento? Então esse sinal pode ser que seja de ele indo para direita, ou indo para esquerda”. Então teve bastante dificuldade. (I2)

Os elementos que constroem o símbolo, às vezes me deixavam equivocada [...]. Mas teve coisas que foram até o final equivocadas. [...] Então, acho que o classificador dificulta o entendimento. Em alguns classificadores, tipo assim, indicação de espaço, esse espaço (locutor indicando o espaço em frente ao tronco), mas têm classificadores que não são muito caracterizados, eles não são muito [...] Descritivos. (I4)

Outro problema levantado seria a ausência do hábito de utilizar a escrita, já que essa ainda não é uma prática comum entre os intérpretes.

[...] não é uma escrita que a gente está habituado, que a gente vê, que a gente está acostumado, então, por isso, que eu acho bem complicado esse processo, por enquanto. [...] a questão de ter muitos símbolos de movimento, de expressão, coisa que a gente ainda não está acostumado, [...]. (I2)

---

<sup>1</sup>O dicionário Capovilla é um dicionário trilingue que apresenta os vocábulos em Língua Portuguesa, em Língua Inglesa e um sinal equivalente na Língua de Sinais, colocado de forma ilustrada e o mesmo sinal representado em Escrita de Sinais. Esse é o primeiro dicionário da Língua de Sinais Brasileira, apresentado em dois volumes, tendo sua primeira edição lançada em 2001.

Quadros em seu artigo intitulado Um capítulo da história do *Signwriting* (QUADROS, 2004, disponível em <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>), aborda a questão do processo de padronização da escrita da língua de sinais. De acordo com a autora, o que vem ocorrendo com a escrita de sinais é semelhante ao que ocorreu com línguas faladas e ela recorda de uma experiência vivenciada com alunos na aprendizagem da escrita no ano de 1997:

Cada aluno produzia o mesmo sinal de forma diferente. Alguns eram mais simples ou mais detalhados do que outros. Isso faz parte de um processo natural. O inglês quando começou a ser escrito passou por esse mesmo processo. Cada pessoa escrevia o som da forma em que achava mais adequado. A escrita passou a ser padronizada ao longo do tempo com a invenção da imprensa. A imprensa foi o meio em que a escrita foi difundida rapidamente. A escrita tornou-se pública e naturalmente foi sendo padronizada (QUADROS, 2004, disponível em <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>).

Como bem aponta a autora, esse período em que não há padronização é comum entre línguas que estejam deixando o seu *status* de ágrafas.

Dentre outras dificuldades, pode-se verificar que alguns acadêmicos abordados expressaram não ter conseguido compreender sinais específicos e que o texto estava muito difícil. A tradução prevê que o tradutor tenha domínio das duas línguas envolvidas no processo. Nesse caso, os possíveis tradutores de língua de sinais ainda não têm o domínio da escrita da língua de sinais, assim como muitos surdos, inclusive do meio acadêmico, tornando existentes muitas dificuldades. A esse respeito, Magalhães (2008, p. 88) ressalta que: “Um conhecimento apurado do léxico do par linguístico com o qual estamos trabalhando em tradução é, portanto, essencial.”

Mas consolidando a ideia de que a tradução é uma prática muito mais complexa, ou seja, que envolve processos além dos que envolvem elementos linguísticos, utiliza-se as palavras de Furlan (2008, p.73): “O tradutor deverá dedicar-se ao estudo da obra a traduzir não só linguística, mas filologicamente e ainda mais, monograficamente, ou seja, conhecendo a matéria de que o autor trata e o próprio autor em sua singularidade e com suas características. Considerando as dificuldades colocadas pelos participantes da pesquisa, faz-se interessante ter acesso a alguns sentimentos dos mesmos em relação à estrutura e à percepção do processo e resultado final do trabalho. I4 expôs um retrato de como se sentiu:

Eu estava preocupada, eu percebi que em toda a tradução eu estava preocupada com o significado do símbolo, eu não estava preocupada com estrutura. (I4)

II também não sentiu-se satisfeita com o resultado do seu trabalho:

Eu não acho que eu pude fazer uma tradução boa, porque eu achei que o texto não fazia jus, ele não ajudava para que houvesse uma tradução bem contextualizada. Tanto não foi boa que ela foi equivocada, por conta de um sinal que não havia como se entender e eu acabei trocando o sentido.

Supõe-se que as causas da insatisfação com o resultado final do trabalho tenha se dado pelas dificuldades encontradas durante o percurso e a sensação de não terem conseguido transpor essas barreiras. Porém, de acordo com as entrevistas, vê-se que um dos acadêmicos abordados sentiu-se satisfeito com a produção:

Acredito que ao final a tradução estava adequada, pois depois de todos os passos feitos para a compreensão do texto, houve uma preocupação com a estrutura da língua alvo. Creio que foi possível chegar a um resultado bastante positivo. (I5)

Em relação à validade da escrita de sinais, ao contrário do que a maioria dos autores afirma, levando em conta uma perspectiva positiva, II levanta uma visão um pouco desacreditada desse sistema por compreender ser um desafio representar no papel uma língua que se utiliza dos movimentos do corpo no espaço:

Válido eu acho que é, acho que todo registro é válido, desde os primórdios qualquer registro era feito em cavernas... Tudo é válido desde o momento em que ele está registrando uma impressão humana. Mas se ele é válido enquanto escrita de um idioma sinalizado, eu não sei por conta disso que eu estava falando, eu não sei se ele dá conta de todos os aspectos envolvidos na língua de sinais, [...]. (I1)

No entanto, II argumenta ainda que não sabe se essa é uma questão de se aprofundar mais nos estudos e práticas ou se essa falta corresponde a algo maior, como uma falta concernente à própria escrita da língua de sinais.

Outra acadêmica abordada ressalta a questão da relevância da escrita de sinais a partir de outra ótica:

Olha, eu pessoalmente, acho a escrita de sinais um negócio muito inteligente. Porque ela é um sistema que consegue representar várias outras línguas e eu acho que isso é muito eficiente. Eu penso assim, eu sendo intérprete e tradutora da língua de sinais, eu tenho que acreditar nessa escrita. Eu tenho que acreditar porque, não é uma questão de ser solidária, mas uma questão de acreditar no potencial dessa língua e que essa língua não vai ficar dependendo da escrita de outra. (I4)

É evidente, pelo menos entre os abordados na pesquisa, que as opiniões a respeito da escrita da língua de sinais são bastante divergentes. Alguns questionam sobre esta ser uma maneira eficaz de se representar a língua de sinais, outros, porém, afirmam que esta é uma forma bastante válida já que é um meio autônomo de se registrar a língua sinalizada. De qualquer forma esses são os primeiros passos da escrita de uma língua sinalizada, um percurso pouco percorrido em comparação com a escrita das línguas orais.

## Considerações

As pesquisas e práticas nesse campo são incipientes. O estudo realizado foi um ensaio, pois contou com um número reduzido de participantes, com foco em dados advindos de narrativas que foram descritos, mas foi possível perceber o sentimento de alguns estudantes em formação a respeito da tradução da língua de sinais para a língua portuguesa e suas escolhas, tratando-se de um texto escrito.

Ainda que esses acadêmicos encontrem-se com sua formação em andamento, foi possível perceber uma semelhança nas escolhas de suas estratégias, para realização de suas traduções como por exemplo, pode-se citar os recursos utilizados, dicionários, *sites* de busca, manual oferecido pela disciplina e o auxílio de sujeitos surdos, a fim de reforçar a compreensão do texto de origem, apresentando uma espécie de padronização no processo de tradução de um texto em escrita da Língua Brasileira de Sinais para a língua Portuguesa.

Muitos pontos levantados pelos estudantes ainda podem ser discutidos, mas pode-se dizer que dois deles nos chamam mais a atenção: o desafio eminente que existe na utilização da escrita de uma língua que se utiliza quase que prioritariamente de movimentos corporais e expressões faciais, e a falta de padronização da língua escrita, que seria o segundo desafio colocado no momento.

## Referências bibliográficas

MACHADO, P. C. **A política educacional de integração/inclusão:** Um olhar do egresso surdo. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MAGALHÃES, C. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, F; MAGALHÃES, C; PAGANO, A. (Orgs.). **Traduzir com autonomia:** estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2006.

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica:** Conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

QUADROS, R. M. de. Um capítulo na história do *SignWriting*. *SignWriting Site*. 2004. Disponível em: < <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html> > Acesso em: mai. 2010.

STUMPF, M. R. Escrita de Sinais I. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro de Comunicação e Expressão – CCE, 2008.